

**SCORPIONS**



**HERMAN RAREBELL**

**MICHAEL KRİKORIAN**



# **SCORPIONS**

**MINHA HISTÓRIA EM UMA DAS MAIORES  
BANDAS DE TODOS OS TEMPOS**

Tradução  
Gus Monsanto



© Herman Rarebell e Michael Krikorian  
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Diagramação  
*Estúdio Mondo*

Diretora comercial  
*Patty Pachas*

Capa  
*Daniel Argento*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Preparação  
*Telma Baeza Gonçalves Dias*

Assistentes editoriais  
*Vanessa Sayuri Sawada*  
*Juliana Paula de Souza*  
*Ana Luiza Candido*

Revisão  
*Juliana de Araujo Rodrigues*  
*Ivana Traversim*

Assistentes de arte  
*Alex Yamaki*  
*Daniel Argento*

Impressão  
*Loyola*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Rarebell, Herman

Scorpions: Minha história em uma das maiores banda de todos os tempos/ Herman Rarebell; com Michael Krikorian; [tradução de Gus Monsanto]. – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2012. 280 pp.

Tradução de: And speaking of Scorpions... Autobiography of original Scorpions drummer Herman "Ze German" Rarebell  
ISBN 978-85-7888-228-0

1. Rarebell, Herman. 2. Scorpions (conjunto musical). 3. Músicos de rock – Alemanha – Biografia. I. Krikorian, Michael. II. Título.

12-3475

CDD: 927.824166

CDU: 929:78.067.26

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico este livro a você, que está lendo isto. Minha vida sempre teve o objetivo de entreter, esperando levar felicidade e alegria. Então, nestas páginas, você encontrará o seu livro. Ele representa o meu muito obrigado a todos por permitirem que eu faça parte de suas vidas para sempre.

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| Prefácio .....                                  | 9   |
| Termo de responsabilidade .....                 | 12  |
| <br>  |     |
| 1 <i>Wind of change</i> .....                   | 13  |
| 2 O pequeno Herman Ze German .....              | 28  |
| 3 Achando o meu caminho .....                   | 40  |
| 4 A Invasão Britânica .....                     | 50  |
| 5 Bem-vindo à Alemanha, Herman Ze German! ..... | 62  |
| 6 Ralando mais do que um membro da União .....  | 72  |
| 7 “Taken by force” .....                        | 80  |
| 8 <i>Kimono baby light my fire</i> .....        | 98  |
| 9 Adeus, Uli – Olá, Matthias .....              | 107 |
| 10 Animais e o zoo .....                        | 122 |
| 11 Trabalho e lazer na estrada .....            | 133 |
| 12 Dores de garganta e blecautes .....          | 153 |

|    |  |     |
|----|--|-----|
| 13 | Bem-vindo ao mundo.....                              | 164 |
| 14 | Sol sobre a praia.....                               | 172 |
| 15 | <i>Sects and drags and a rocky road</i> .....        | 187 |
| 16 | Você toca por 18 meses e o que você ganha?.....      | 209 |
| 17 | A paixão comanda a estrada.....                      | 231 |
| 18 | Um mundo louco, certamente.....                      | 236 |
| 19 | A estrada longa e sinuosa (zzzzzzzz).....            | 241 |
| 20 | Se você não aguenta o calor... saia do Scorpions! .. | 247 |
| 21 | A última dança.....                                  | 254 |
| 22 | Um novo amanhecer.....                               | 261 |
|    |  |     |
|    | Epílogo.....   | 268 |
|    | Links relacionados.....                              | 278 |
|    | Agradecimentos especiais.....                        | 279 |



# PREFÁCIO

Já tendo lido o livro, cuja leitura você está prestes a começar, assim como tendo vivido muito do que está incluído nele, posso dizer com toda a honestidade que o Herman não deveria deixar seu trabalho nunca!

Mas, falando sério, aqueles anos parecem ter feito parte de um sonho distante para mim. Quando li a retrospectiva feita pelo Herman, recebi o maravilhoso presente das lembranças. Tive a honra de ter trabalhado com vários artistas incríveis do mundo todo e, com certeza, o período em que passei com o Scorpions trará para sempre algumas das melhores memórias que terei na vida. Herman Rarebell é parte importante delas.

Mais do que somente um baterista, Herman foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento do que eventualmente se tornou conhecido como o som clássico do Scorpions. A música começa com o baterista. Não são muitas as pessoas que percebem isso. De qualquer modo, se você olhar o “sucesso” do grupo ou, talvez, mais apropriadamente, a falta de sucesso antes da chegada de Herman Ze German (The German, “O alemão”, dito com o sotaque típico, trocando o TH pelo Z), ou o sucesso que não tiveram da mesma forma depois que Herman deixou o Scorpions, poderá ver quão importante foi seu papel dentro da banda.

As histórias contidas nestas páginas são mais do que a superglamorizada ficção que é lugar-comum nesse tipo de livro. Embo-

ra muitos certamente menosprezem de cara esse tipo de autobiografia, interpretando-a como mero relato berrante e espalhafatoso de comportamentos sexuais sem restrições e exageros na contracultura atual inspirados pelas drogas com o objetivo de chamar a atenção, Herman não se rebaixa a esse clichê sensacionalista. Ele prefere recontar as coisas como realmente se passaram e captura a real essência e o espírito da banda, assim como o espírito daquela era que ficou para trás. Felizmente, ele não tenta embelezar nada do que ocorreu no passado, e o mais importante disso tudo é que ele optou por não tirar nenhuma de suas roupas de Lycra de sua tumba cheia de traças. Não teria sido uma visão bonita! E assim, ao final, o que você tem é a história MUITO verdadeira de um homem que não só admite abertamente ter tido mais do que a sua cota de altos e baixos, mas que também não tem medo de falar o que pensa. Ele foi capaz de desbravar muitas tempestades e superar suas aflições e seus vícios. De forma franca, confessa suas fraquezas e não tenta justificar seu comportamento. Herman não se poupa ao atacar impiedosamente a si mesmo e as suas escolhas. Em vez de encontrar um bode expiatório apropriado, ele prefere passar sua vida olhando além do ontem, rumo ao amanhã. Essa é a parte do homem que é ao mesmo tempo revigorante e adorável. É a razão pela qual o considero até hoje um grande amigo.

De qualquer forma, existe muito mais do que a história do Herman aqui. Não podemos ignorar ou marginalizar nem um pouco a história de um grupo incrível de músicos. O Scorpions é uma banda que não deveria ter sido bem-sucedida e não tinha chance de “estourar”. Eles foram discriminados e ridicularizados como sonhadores, zombados por aqueles que supostamente “sabiam das coisas”, quando disseram que queriam ir para a América. Mas não foram dissuadidos, tampouco se intimidaram. Eles acreditavam na banda e, juntos, chegaram a um lugar de impor-

tância sem paralelos na história do *rock and roll*. Esta é a história definitiva do Scorpions. Por si só, é uma história que vale o preço da entrada.

Não nos esqueçamos daquele que está contando a história. O senso de humor leve, que por vezes se autoironiza, soma tanto à leitura que eu tenho certeza de que até aqueles que nunca ouviram falar do Scorpions vão achar o livro divertido e interessante.

Estou muito orgulhoso por ter sido convidado a escrever este breve prefácio e ainda mais honrado por ser considerado o Sexto Scorpion, porque muito do trabalho que faço é esquecido a partir do momento em que a banda sai do estúdio. Não sou o tipo de pessoa que gosta de ficar bradando sobre os próprios êxitos, como tantos dos que desempenham a minha função. Mas, quando li as coisas maravilhosas que Herman disse a meu respeito, eu me senti profundamente tocado. Assim, é certo que é uma honra, e estou muito contente em dizer que este livro não é tanto sobre um homem ou uma banda, mas é uma desavergonhada celebração da vida e um convite a vivê-la. Para quem não conhece Herman Rarebell, prepare-se para desfrutar dos momentos e dos pensamentos de um dos verdadeiros cavalheiros dessa indústria, além de um dos grandes músicos de sua geração.

Divirta-se!

Dieter Dierks  
*O Sexto Scorpion, produtor  
da banda de 1975 a 1988*

# **TERMO DE RESPONSABILIDADE (OU ALGO DO TIPO)**

A história a seguir tem apenas o objetivo de entreter! Deixe suas preocupações e problemas de lado. Neste livro não há nada além de diversão. Então, por favor, não procure nada além disso.

Bem-vindo ao mundo do Scorpions!

Herman

*P.S.: Exceto onde houver indicação, todos os trocadilhos são propositais.*

# 1

## WIND OF CHANGE\*

O verão de 1989... Talvez pareça um lugar inusitado para começar o livro. Mas, dado o rito de passagem que veio como resultado de nossos esforços musicais e da imensa oportunidade colocada à nossa porta pelos poderes então vigentes, estou convicto de que você irá concordar que esse lugar pode ser perfeito para dar início à nossa jornada por uma das histórias mais improváveis do *rock and roll*. Tenho orgulho em dizer que fiz parte dela e, juntos, nas próximas páginas, iremos reviver os triunfos sobre a adversidade, a construção de um legado e, felizmente, até a morte da *disco music*! O último deles pode ser uma das maiores emoções que já tivemos! (Eu tenho vergonha de admitir, mas, com a passagem dos anos, a *disco music* se tornou muito mais palatável, o que talvez aconteça com a música nos dias de hoje...) Mas, como Jerry Garcia escreveu de maneira tão lúcida em *Truckin*, “what a long, strange trip it’s been...” [que viagem longa e estranha tem sido...]. Ou, ainda mais apropriado, “que viagem longa e estranha”. Nós realmente desafiamos as probabilidades e realizamos o impossível. Superamos as pessoas do contra e as que eram tidas como gurus, sem mencionar os obstáculos políticos persistentes e as barricadas do

---

\* *Wind of change* [vento de mudança] é também o nome de uma música que, junto com *Still loving you*, são os maiores sucessos da carreira do Scorpions.

tamanho da indústria para realizarmos o que os ditos *experts* diziam ser fora de questão. Ninguém abriu porta alguma quando batemos (diabos, as pessoas preferiam receber testemunhas de Jeová a nós...). Tivemos de derrubar as portas sozinhos para conseguir atenção para nosso trabalho. Crescemos juntos. Brigamos como irmãos. Compartilhamos a vida de nômades. Conseguimos nem tanto por nós mesmos, mas por você, nosso fã. O objetivo sempre foi o prazer dos fãs. Definitivamente, nenhuma banda pode resistir muito tempo quando toca por meros motivos egoístas. E, assim, partimos do princípio do que se tornaria eventualmente parte de um novo começo para milhões de pessoas mundo afora.

Tendo sido criado na Alemanha Ocidental pós-guerra como eu fui, a sensação do tempo passado sem dúvida nunca foi mais forte do que era para nós. Fomos expostos ao monumento onipresente e onipotente que fora concebido, construído e consagrado para ser o símbolo definitivo da opressão, assim como um lembrete cruel da diferença entre o Oriente e o Ocidente, o Muro de Berlim. Ao lembrar-me das palavras e ideias do então presidente dos Estados Unidos, o popular Ronald Reagan, que se referia ao lugar como o “Império do Mal”, você pode imaginar como me senti quando nosso avião começou a descer rumo ao Aeroporto Internacional de Sheremetyevo, nos arredores de Moscou, na União Soviética.

Embora tenhamos tocado dentro das fronteiras da União Soviética no ano anterior, na cidade de Leningrado, que hoje é São Petersburgo, parecia que era tudo parte de um sonho que desde então se embaralhou com tantos de nossos destinos anteriores, assim como os lugares que visitamos no decorrer da jornada. Ainda era a Rússia, mas não parecia a mesma para mim. Havia, na verdade, uma vibração meio “ocidental” na cidade, pode acreditar. Tínhamos visto apenas fotografias do Hermitage, da catedral de São Isaac ou de outros pontos históricos da cidade. Assim, nós não os asso-

ciávamos especificamente à Rússia. Era um contraste muito grande em relação à capital do país dos dias modernos que vimos milhares de vezes nos jornais e na TV. E meus sentimentos foram realmente justificados, porque, como descobriríamos mais tarde, Moscou era uma cidade, no mínimo, muito diferente. Bem mais parecida com o que tínhamos em mente.

Para ser honesto, o clima no avião era de apreensão; um pouco tenso, dadas as circunstâncias de nossa chegada tardia. Todos nós éramos bem capazes de lembrar as razões da emenda rapidamente planejada em nossa agenda no ano de 1988. Deveríamos de fato tocar em Moscou naquela época, apesar de termos sido proibidos pelo que poderíamos chamar de “razões políticas”. Sendo apenas a segunda banda ocidental de *hard rock* a tocar na capital da Rússia (a Uriah Heep foi a primeira), estávamos ansiosos para descobrir o que nos aguardava por lá. Seria uma repetição de nossos shows no norte do país, onde as plateias eram bastante receptivas e genuinamente felizes em nos receber? Ou haveria a tensão esperada, que alteraria nossa agenda para uma visita abortada?

Conforme eu olhava pela janela para tudo o que estava lá embaixo, vários pensamentos vinham à cabeça. Eu me perguntava como seria aterrisar em um lugar que havia passado tantos anos trancado em uma metafórica cobertura de aço. Também ponderei os pensamentos que deveriam estar na mente de pelo menos alguns de nossos compatriotas, que certamente nos consideraram traidores de uma forma ou de outra. Era justificável, ainda que injusto, do nosso ponto de vista. Não estávamos tentando fazer uma declaração formal. Não estávamos agindo de maneira traidora contra nosso próprio povo. Tentávamos apenas dar alguma coisa de volta aos fãs que, por acaso, viviam dentro da União Soviética. Era culpa deles? Seriam todos eles determinados em seu ódio pelo Ocidente e por tudo o que ele representava?

À medida que o avião entrava e saía das nuvens em direção a seu rumo final, eu me encontrava buscando ansiosa e continuamente algum lugar familiar, como o Kremlin ou a Praça Vermelha. Não me dei conta de que ambos estavam a mais de trinta quilômetros a leste da pista do aeroporto. De onde eu estava, olhando para baixo, só enxergava uma pequena quantidade de casinhas não tão diferentes daquelas que havia em meu próprio país. Pensei: “Como pessoas que não somente representavam o inimigo por tantos anos, mas também dominavam a patinação artística de casais, com a ajuda de jurados ‘fantoques’, poderiam possivelmente viver de uma maneira que não fosse tão diferente da minha?”. Sim, era o ano de 1989 e a Perestroika estava florescendo por completo. Ainda assim, não fazia tantos anos que a aparência da União Soviética havia sido tão mais ameaçadora e sombria. No entanto, quanto mais pensava nisso, mais percebia que o nosso mundo, aquele no qual eu vivia, não era baseado em política, e sim em entretenimento. A música não era um elemento divisor, mas unificador. Eles podiam trancar as pessoas, mas não podiam trancar as ondas do rádio.

Como eu havia dito, dificilmente teríamos sido os primeiros músicos ocidentais a invadir a “soberania” soviética. Nem éramos mesmo o primeiro grupo alemão desde que o Terceiro Reich andava com passos de ganso\* rumo ao Volga. Tenho certeza de que houve bandas de polca que tocaram seus “umpapahs” direto ao coração dos fiéis (embora a expressão apropriada fosse “queimaram o coração dos fiéis”). Nós éramos a última e, definitivamente, a primeira banda da Alemanha Ocidental de qualquer gênero de rock na área. Ainda assim, à medida que nosso avião descia e começava a taxiar na direção do terminal, eu olhava ao redor as letras ciríli-

---

\* Referência ao modo de marchar do Exército Alemão, em que os passos eram dados com as pernas esticadas, elevadas até (quase) a altura da cintura. (N.T.)

cas que adornavam todos os prédios e descobri como Dorothy se sentiu quando adentrou o reino de Oz. Embora tenhamos visto a mesma coisa em Leningrado, por alguma razão senti algo bem diferente dessa vez. De repente, compreendi melhor as frustrações daqueles que não conseguiam ler no próprio idioma, como eu via palavras que deveriam ter significado e o que representavam para os que pertenciam ao lugar. Mas, para mim, nada daquilo significava algo que eu pudesse compreender.

Você pode estar se perguntando: “Ah, Herman, vamos lá, que droga é essa? Nós queremos ler tudo sobre a mulherada na estrada em 1985. Em 1989, você já tinha passado dessa época”. Bem, posso dizer a mesma coisa que a maioria dos médicos diz todos os dias, milhares de vezes: “Me desculpe, mas eu não aceito American Express”. Não, não é isso. Os médicos deixam esse tipo de coisa para as gostosas que trabalham na recepção falarem. Ooops... desculpe... tive uma recaída. Quis dizer, as jovens e adoráveis secretárias que trabalham na recepção. Na verdade, caso eu deixe de fazer esses comentários, o restante do livro vai ser basicamente meio chato, pois muito do que éramos como banda, ou pelo menos do que éramos acusados de ser, verdade ou não (posso dizer a você que não era nosso objetivo), “por acaso” pisava com força no pedal hedonista. Aqueles que viram as capas de nossos álbuns ou gastaram tempo aprendendo as letras da maior parte de nossas músicas com certeza vão entender (honestamente, nunca quisemos que nosso trabalho fosse considerado ou interpretado assim, mas é sempre bom ser lembrado, não importa como). Para os que não viram as capas nem ouviram as músicas, me indago por que estariam lendo este livro. Não estou reclamando, só estou curioso!

Agora quero falar um pouco sobre o politicamente correto, se eu puder, porque essa questão será abordada várias vezes neste livro. Acho importante esclarecer meu posicionamento sobre o assunto.

Qualquer um que conheça o Scorpions é capaz de entender por que estou dizendo isso. Realmente me surpreendo com esse conceito e como ele evoluiu ao longo das últimas décadas – fico mais chocado do que surpreso. Para mim, isso nada mais é do que uma maneira de ganhar dinheiro ferindo outras pessoas. Descobriram, obviamente, que há dinheiro a ser ganho sendo “sensível”. Acho que não é nada mais do que o sinal dos tempos. Quando eu era jovem, as pessoas diziam: “Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca vão me ferir”. (OK, elas não falavam exatamente isso, mas sim o equivalente em alemão.) Hoje, no entanto, paus e pedras ofendem muito menos as pessoas do que palavras. Não há dinheiro a ser ganho com eles, a não ser que você fabrique paus ou pedras. Isso é ofensivo para mim e é também ofensivo às pessoas de paus e pedras; muitas delas devem ter falido graças ao politicamente correto. Por falar nisso, continuo tocando com “paus” e durante vários momentos da minha vida estive “louco de pedra”. Mas não acho que seja a mesma coisa.

Voltando à questão (caso eu de fato estivesse tentando abordar alguma em especial antes de subir todo valentão ao meu púlpito), eu não queria começar a despejar filosofias tão cedo, mas não consegui evitar. Levo esse assunto para o lado pessoal por vários motivos. Expressar minha opinião abertamente, de cara, seria uma boa maneira de ajudá-lo a entender o restante deste livro. Direi aqui e agora que nada foi escrito com o objetivo de machucar quem quer que seja. O objetivo é entreter. Por favor, tenha em mente que esse é o espírito que ofereço em meu texto.

Você tem de admitir... Bem, você não TEM de admitir, mas espero que você admita, que eu me comportei muito bem nestas primeiras páginas. Aposto que você achou que eu fosse escrever um livro normal, seco e tolo sobre os acontecimentos da minha vida com o Scorpions, não? Bem, eu não posso fazer isso (não poderia fazer isso com ninguém). Quer dizer, quão interessante seria ler: “Então nós

fomos a Omaha, Nebraska. Depois, tocamos em Helsinki, Finlândia. Em seguida, fizemos um show em Tóquio...”? (Que rota, hein? Não ria, porque certas pessoas organizam sequências ilógicas assim! Eu suspeito que elas também façam um seguro de vida muito alto em nome de cada um dos membros da banda...) Penso que livros assim são feitos para ajudar a combater a insônia – bem como o Código Penal, com certeza. E, na verdade, tais livros não dizem muito sobre quem a pessoa realmente é. Não acho que o Código Penal tenha algo a dizer a meu respeito. Logo, prefiro ser eu mesmo e me divertir enquanto conto a história da banda. Espero que você não se importe.

Porém, eu gostaria de pedir um pouco de paciência para quem quiser que eu pule imediatamente no meio do colchão d’água, como tantos do gênero fazem. Prometo que vamos falar de tudo na hora certa. OK, talvez este livro não vá rivalizar com nada que Twain ou Pushkin tenham escrito, mas, por fim, acredito que você irá gostar deste nosso passeio conjunto, porque, honestamente, foi muito divertido e, sim, nós ainda vamos falar sobre tudo isso.

Oh, quem é Pushkin, certo? Bem, você pode estar se perguntando também quem é esse tal de Twain (não se esqueça de que este livro foi escrito primeiro em inglês). Mark Twain foi um autor norte-americano muito famoso. Ele escreveu, entre outras obras, *Tom Sawyer*. Já Alexander Pushkin foi um autor russo do século XIX e, na opinião de muitos *experts* em literatura, o maior de todos os escritores russos. O que ele estaria fazendo num livro escrito por um alemão que reside na Inglaterra? Bem, além de ser um dos maiores mulherengos de sua era, comportamento que imitamos frequente e inadvertidamente, era russo, como mencionei, e era lá que estávamos em 1989. Você se lembra disso?

De qualquer modo, embora as observações paralelas possam ser mais divertidas, vamos voltar à história para que eu possa seguir em outras direções. Agora, como mostram os fatos, uma histó-

ria certificada, até o verão de 1989 o Scorpions já havia viajado ao redor do mundo. (Tenho certeza de que agora alguém, lendo isso, foi para a frente do computador para conferir em quantos lugares do mundo já havíamos tocado até 1989 para se certificar de que estou dizendo a verdade. Essa pessoa está provavelmente dizendo: “Ei, você não foi para a Antártida!”.) No entanto, naquela viagem ainda havia muitas emoções novas causadas e despertadas pela grandiosidade da experiência. Estávamos em um lugar sobre o qual somente havíamos lido a respeito. Um lugar que nunca achei que fosse visitar e, ainda mais, ser bem recebido, como uma celebridade visitante. Nem nós nem nossas músicas eram politizadas até aquele dia. Embora a maioria de nós tivesse crescido ouvindo e tocando canções de protesto sobre a Guerra do Vietnã, mesmo que não soubéssemos o que todas as letras queriam dizer até aquele momento, não estávamos inspirados a fazer o mesmo com nosso talento. Admito que eu sempre fui bem consciente do que acontecia no mundo e do que se passava ao meu redor. Mas nunca havia ido além daquilo. E mesmo sendo inocentes e despreziosos como éramos, todos sentimos algo ao desembarcar e entrar no terminal pequeno e simples, que era o portal de entrada para o comunismo. Havia, definitivamente, um “wind of change” e não dava para negar que estávamos no meio de algo histórico.

Como mencionei rapidamente, estávamos agendados para tocar em Moscou na primavera de 1988 – do final de abril ao começo de maio, para ser preciso. Mas aquelas datas foram canceladas devido à preocupação com os motins e com a alcoolização pública durante a celebração de um feriado importante em 1º de maio, tido oficialmente como o Dia do Trabalho. Como pude constatar, os russos raramente precisam de uma razão para beber vodca, assim como os alemães não precisam de muita inspiração para beber uma ou duas cervejas. A maioria brindaria uma rachadura na